

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA**

Bruno Gomes de Araújo¹

**PENTECOSTAIS:
DA PERIFERIA AOS ESPAÇOS CENTRAIS**

RESUMO

O Pentecostalismo tem desenvolvido uma ampla política de apropriação espacial nas periferias e centros das grandes cidades do Brasil. Enquanto movimento religioso de histórico recente alcançou números expressivos de 17,4 milhões de adeptos em todo o país registrado em 2000 pelo IBGE. Segundo Souza (2004, p.134) “trata-se de um grande fenômeno religioso brasileiro”; e como religiosidade emergente, lança novos métodos de evangelismo e ganha visibilidade política e midiática. Tal crescimento é resultado do proselitismo desenvolvido pelo segmento “clássico” e “neo” do pentecostalismo, que durante o processo de difusão espacial desenvolveram territorialidades diferentes. O crescimento “periférico-centro” do pentecostalismo mostrou tanto uma evolução quanto uma mudança em suas estratégias de difusão espacial. A nova configuração do pentecostalismo significou o abandono de uma teologia tradicionalista por outra liberal, inovadora e aberta para uma aculturação. Com o surgimento do neopentecostalismo dirigido por uma lógica empresarial o georeferenciamento do movimento é redefinido e ampliado aos centros urbanos de maior fluxo. A visão empreendedora dessa neoreligiosidade proporcionou uma nova dinâmica ao sagrado nas grandes metrópoles, e o fez ressurgir diante da densa secularização do espaço urbano.

Palavras Chaves: pentecostalismo, territorialidade, espaço

¹ Licenciado em Geografia pela UFRN/CERES e Mestrando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da UFRN/CCHLA.

1. CRESCIMENTO CONTÍNUO E PERIFÉRICO DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

1.1 PENTECOSTALISMO CLÁSSICO: INFLEXIBILIDADE CULTURAL, FLEXIBILIDADE ESPACIAL

O cenário religioso brasileiro no limiar do século XXI assiste a continuidade de movimentos religiosos essencialmente urbanos como o pentecostalismo², que com suas estratégias de difusão sócio-espacial busca acompanhar as intensas transformações sociais decorrentes dos elementos modernos da cultura de massa. O crescimento pentecostal nas regiões brasileiras é constatado estatisticamente pelo IBGE no recenseamento de filiação religiosa de 2000, onde é revelado um contingente expressivo de 17,4 milhões de pentecostais³ praticantes, número este que colocou o Brasil no patamar de segundo maior país protestante do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos.

O pentecostalismo tem se mostrado no decorrer de sua evolução como um movimento mutante, tendo em vista a sucessão de submovimentos nascidos no seu interior como: Movimento Unicista (1914), Movimento da Cura Divina (1946), Movimento Profético (1984), Movimento de Restauração Apostólica (2000) entre outros, expressam as tentativas de unificação e resignificação do movimento durante suas primeiras décadas de existências até os tempos hodiernos.

O espaço se apresenta em suas dimensões física e cultural como interventor dos processos de transmissão socioreligiosa. A grande mobilidade das religiões por espaços culturais diversos demandou a adesão e apropriação de elementos da cultura local, isso se deu quando importantes movimentos religiosos migraram para espaços estranhos ao seu de origem.

Esse fato é esclarecido por três principais razões: a primeira é que quando uma denominação amplia sua religiosidade e se transporta para uma sociedade diferente da sua, gera-se aí uma necessidade de compatibilidade cultural; a segunda é que para haver uma adaptação sociocultural dessa religião principalmente em ambientes secularizados, necessário é que haja uma superação de vácuos culturais devido o fato de todo qualquer segmento religioso apresentar um corpo inacabado de doutrinas, usos e costumes; e que essa adaptação sócio-cultural só obtém êxito quando há uma abertura para a inserção de elementos exógenos a ela.

Em seu processo de expansão no território brasileiro, o pentecostalismo em seu viés clássico o ou ortodoxo permaneceu inflexível a uma abertura cultural, implicando na marginalização sócioespacial do movimento. O pentecostalismo conservador desde sua gênese até os dias atuais, tenta relutantemente ser imune ao devastador processo de aculturação

² O Pentecostalismo é um movimento religioso que se iniciou no E.U.A em 1906 na cidade de Los Angeles especificadamente na Rua Azusa, onde houve um grande avivamento caracterizado pelo “batismo no Espírito Santo” com ênfase a glossolalia”. O avivamento da Rua Azusa liderado pelo pastor Willian Seymour, difundiu-se rapidamente nos E.U.A e chega no Brasil em 1910 com a Igreja Congregação Cristã. Desde sua gênese até os tempos hodiernos o movimento cresce e se estabelece no Brasil através de denominações que estão divididas em três tipologias que lhes conferem temporalidades e características diferentes dentro do pentecostalismo como: Pentecostalismo Clássico 1910, Assembléia de Deus (maior Igreja pentecostal do Brasil) e Congregação Cristã (com ênfase no Batismo no Espírito Santo); Deuteropentecostalismo 1950, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Unida do Brasil, O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Bênção, Igreja Unida e Igreja de Nova Vida (com ênfase na cura divina) ; Neopentecostais, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (com ênfase na Teologia da Prosperidade).

³ O crescimento pentecostal é evidenciado pela projeção política de seus líderes. Segundo Cesar (1999, p.24) os 15 milhões de evangélicos votantes no Brasil elegeram em 1996 para o Congresso Nacional 32 deputados, dos quais 18 eram de procedência pentecostal.

religiosa. Essa resistência tornou-se um distintivo inequívoco de sua doutrina, usos e costumes em relação ao pluralismo religioso.

Tal conservadorismo relegou a expansão do movimento às camadas economicamente menos favorecidas e conseqüentemente aos espaços periféricos das grandes cidades e metrópoles. Esse fato que caracteriza a gênese do crescimento pentecostal nas cidades brasileiras é analisado por David Cabral, o qual relata o crescimento vertiginoso do pentecostalismo na década de 1926 nos subúrbios da Central no Rio de Janeiro como: Realengo, Bangu e Madureira, destacando o significativo crescimento do movimento neste último em função do intenso trabalho evangelístico realizado por Paulo Leivas Macalão, um dos mais importantes pioneiros do pentecostalismo no Brasil e membro fundador das Assembléias de Deus (CABRAL, 1998, p.71).

1.2 A TERRITORIALIDADE ESPACIAL DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO

Sediando os dois principais Ministérios Pentecostais⁴ do Brasil, o Rio de Janeiro vivenciou o avanço do pentecostalismo clássico em sua área Metropolitana nos primeiros anos da década de 1990, onde o estudo de caso de Mônica Machado apontou uma característica peculiar do crescimento pentecostal, ao afirmar que as condições sócio-econômicas e espaciais onde o pentecostalismo clássico se expandiu conferiu-lhe um caráter periférico (MACHADO, 1993, p. 8).

Considerado como religião dos pobres⁵, o pentecostalismo clássico cresce significadamente em espaços onde há maior vulnerabilidade social, realidade atestada pela declaração do pastor assembleiano Ricardo Gondim em relação ao proselitismo do pentecostalismo clássico: “Os maiores avanços da igreja no Brasil estão ocorrendo entre os pobres, entre os mais alienados, social e culturalmente” (SHAULL, 1999, p.162).

Providos de um discurso teologicamente simplificado, de pastores com orientação laica e bens místicos, dentre eles o mais importante: “O Batismo no Espírito Santo”, o Pentecostalismo Clássico consegue adentrar com sucesso nos espaços de exclusão, compreendido como zonas onde há a expressão máxima das diferenças sociais, econômicas e culturais entre os grupos urbanos. Os pentecostais com sua habilidade empírica de evangelizar conseguem dar uma resposta imediata ao sofrimento cotidiano de seus prosélitos, trabalhando na valorização das relações pessoais gerando um aumento da auto-estima nos membros, além da ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade (ALMEIDA, 2004, p.21)

Inseridos nos espaços subalternos das grandes e pequenas cidades onde a população caracteriza-se pela extrema precariedade social em que vivem, o pentecostalismo clássico encontrou antagonicamente um ambiente propício a difusão da fé pentecostal. Nestes espaços é deferido um discurso emocional de consolo, dando a essa parcela pobre da população urbana a oportunidade de se sentirem não mais excluídos, mas inclusos numa importante missão: “alcançar almas perdidas”; imperativo indissociável do discurso pentecostal, essa se torna uma estratégia altamente eficaz no desenvolvimento da territorialidade do pentecostalismo clássico, onde o objetivo principal é conquistar novos adeptos e assim aumentar seu raio de influência demarcando enfim territórios seus.

⁴ A Assembléia de Deus é a maior igreja evangélica de cunho pentecostal do Brasil e da América Latina. Sua estrutura político administrativa é dividida em duas grandes Convenções Nacionais: CGADB E CONAMAD, ambas pertencentes ao Ministério Belenzinho e Ministério de Madureira respectivamente. (ARAÚJO, 2007, p.152)

⁵ O pentecostalismo clássico é adjetivado assim entre os cientistas sociais, por atuar majoritariamente em zonas onde há extrema pobreza. No que ressalta César (1999, p.29) uma das mais importantes questões levantadas sobre o movimento pentecostal, refere-se ao seu crescimento principalmente entre as classes menos favorecidas da sociedade.

Por entender que o Brasil é um país composto por uma população majoritariamente “pobre”, e que o alcance desses por qualquer religião significa uma posição hegemônica ante o pluralismo religioso, o crescimento contínuo do pentecostalismo se tornou previsivelmente uma ameaça para algumas religiões tradicionais, tanto para o catolicismo quanto para os protestantes históricos. Falar em território seria falar implicitamente à noção de limite que mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação de poder que um grupo mantém com uma porção do espaço. Daí nota-se que o quadro religioso no Brasil é de competição, onde o crescimento de um, torna-se um sinal da perda ou recuo do poder do outro.

Na década de 1990 já era possível notar a hegemonia pentecostal no cenário protestante. Em 1996 o número de pentecostais já somava entre 15 a 20 milhões, ou seja, 10% a 15% da população brasileira, enquanto que as igrejas históricas contavam com cerca de 2% da população. (CESAR, 1999, p.23)

Os mecanismos de difusão sócioespacial do pentecostalismo clássico são os grandes responsáveis pela veracidade dos números supracitados e respondem pelo incessante crescimento e dinamismo do fenômeno nas camadas mais baixas da sociedade. A territorialidade desenvolvida pelos pentecostais é caracterizada pela autonomia que cada líder eclesiástico juntamente com seus obreiros tem apesar de subordinados a uma instância superior, de desenvolver projetos sociais, estratégias evangelísticas e até de abrir novos templos se houver efetiva demanda.

A dinâmica sócioespacial do pentecostalismo clássico principalmente nas periferias urbanas, resultou numa organização espacial que é seguido por todos os templos sedes e rege o crescimento do movimento em todo território nacional. Trata-se de uma rede de congregações e subcongregações satélites que trabalham de forma parcialmente autônoma e que são ligadas e assistidas por um templo-sede, formando uma circunscrição eclesiástica, ou seja, uma área de atuação geograficamente delimitada.

Essas redes reproduzem a mensagem pentecostal em contextos de extrema carência, desenvolvendo continuamente mecanismos de superação das múltiplas formas que a pobreza assume nessas comunidades, tanto de ordem material quanto espiritual. Os circuitos de trocas, que envolve dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho são apontados por Almeida (2004, p.21), não como programas filantrópicos como fazem os católicos e kardecistas, mas de uma reciprocidade de solidariedade entre os próprios membros. Este fato é constatado, por exemplo, em Paraisópolis segunda maior favela da Região Metropolitana de São Paulo; nesta comunidade o vínculo de sociabilidade dos pentecostais torna-se tão influentes na nave das congregações, que “esses irmãos de fé” preferencialmente se tornam parentes entre si.

Um dos mecanismos da territorialidade pentecostal desenvolvida neste contexto é o incentivo na ajuda mútua, sendo uma estratégia de controle vinculada à realidade a qual se insere os moradores de Paraisópolis. Tais mecanismos de ajuda mútua são fundamentais para a reprodução e fortalecimento do território pentecostal, aumentando ainda mais a identificação do pentecostalismo clássico com os pobres, os sofredores e marginalizados de uma sociedade cada vez mais seleta, tornado-se desta forma um movimento popular.

Embora a territorialidade do pentecostalismo clássico esteja georeferenciada principalmente nos espaços de segregação social, seus centros de comando ou templos-sedes encontram-se nas vias principais das grandes cidades, da mesma forma que as paróquias e igrejas do tipo neopentecostais que também instalam seus templos-centrais em zonas citadinas de maior privilégio.

O diferencial é que a territorialidade inventada pelos pentecostais clássicos possui uma dimensão espacial maior que a dos neopentecostais, pois conseguem desenvolver seus mecanismos em espaços de extrema precariedade social, desenvolvendo uma rede territorial descentralizada e algumas vezes informal (fugaz), o que facilita dentro de uma circunscrição

pentecostais clássica um (re)arranjo de congregações e subcongregações, o que faz ser seus territórios flutuantes ou até mesmo instáveis no espaço urbano.

2. NEOPENTECOSTAIS: UMA REINVENÇÃO DA TERRITORIALIDADE PENTECOSTAL

2.1 A RENOVAÇÃO DO PENTECOSTALISMO

O avanço do pentecostalismo clássico nas metrópoles e cidades brasileiras através de um amplo conjunto de Ministérios denominacionais e redes de congregações, não impediu que o movimento pentecostal tomasse novos rumos e incorporasse novos métodos de proselitismo e crescimento espacial. As décadas que vão de 50 a 80, são fundamentais para entender a nova configuração que o pentecostalismo assume e como esta proporcionou uma nova dinâmica ao movimento no Brasil. O período que vai de 1910 a 1950 a vertente “clássica” dirigiu de forma hegemônica o movimento pentecostal, sempre inflexível à inovações e transformações em seu corpo doutrinário e em suas estratégias evangelísticas. Portanto o pentecostalismo neste recorte permanece inalterado.

Em 1950 ventos de renovação direcionam o movimento a um novo patamar no quadro religioso, explorando novos meios e estratégias de expansão. Em 1953 o movimento no Brasil vivencia um novo método de busca a novos fiéis. Analisando esse novo período o qual denomina de “Deuteropentecostalismo”⁶ Ricardo Mariano (1999, p.30), distingue esse período pelo surgimento de igrejas pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular, que difundiu de forma sistemática mensagens com ênfase na “Cura Divina” e arriscou novos métodos de difusão evangelístico. Esse momento que perpassou o pentecostalismo apresentou-se inovador não no ponto de vista teológico, e sim estratégico. Pioneiros e responsáveis pelas primeiras inovações no pentecostalismo brasileiro, Harold Williams e Raymond Broathight exploraram as ondas de rádio para promover o primeiro método de evangelismo em massa, construindo juntamente com o clássico pentecostalismo predecessor, às bases para o maior fenômeno socioreligioso de todos os tempos o “Neopentecostalismo”.

O novo dinamismo que impulsiona o pentecostalismo nos tempos hodiernos é a priori, resultado da adesão de um conjunto de princípios e práticas vinculados a uma corrente teológica, que mostrou-se capaz de acompanhar a acelerada transformação da sociedade contemporânea: a “Teologia da Prosperidade”.

O neopentecostalismo e a difusão de sua moderna teologia, emergem no cenário religioso do Brasil em 1970⁷ e diferencia-se do pentecostalismo clássico em diversos aspectos, sobretudo nos objetivos, estratégias e georeferenciamento espacial. Essa tríade distintiva é uma proposição analítica que objetiva desenvolver uma compreensão da territorialidade dessa neoreligiosidade, mostrando como se dá as articulações de sua estrutura no espaço urbano.

O neopentecostalismo possui diretrizes e tendências de crescimento que desafiam os paradigmas dos segmentos evangélicos mais conservadores, rompendo com métodos tradicionais de evangelismo e arrecadação financeira. Essa mudança de postura que se inseriu no pentecostalismo, refletiu o desejo de uma classe religiosa, dirigida por uma mentalidade

⁶ Designa a segunda onda do Movimento Pentecostal, que surgiu na década de 1950, no Brasil, quando chegaram em São Paulo dois missionários norte-americanos da Internacional of The Foursquare Gospel. Na capital paulista, eles fundaram a Cruzada Nacional de evangelização e centrados na cura divina, iniciaram a evangelização das massas, principalmente pelo rádio, contribuindo bastante para expansão do pentecostalismo no Brasil. Fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular. No segmento, sugeriram grupos semelhantes, tais como O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Bênção, entre outras (ARAÚJO, 2007, p. 266).

⁷ Originária dos EUA e difundida pelo pastor Kenneth Hagin, nos ensinamentos de confissão positiva na década de 1940, ela surge como movimento doutrinário em 1970. Na mesma década chega ao Brasil penetrando nas igrejas e ministérios paraeclesiásticos, em especial: Internacional da Graça, Universal, Renascer em Cristo, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Nova Vida, Bíblica da Paz, Cristo Salva, Cristo Vive, Verbo Vivo Nacional do Senhor Jesus Cristo e Adhonep (MARIANO, 1999, p.157).

empreendedora, de conquistar “espaços” altamente valorizados. Os neopentecostais desenvolveram um modelo de igreja moderna, pronta para atender as demandas de uma sociedade materialista que segue triunfante no século XXI.

Discorrendo sobre as intenções das igrejas neopentecostais testifica Contem; Dozon; Oro (2003, p. 12) “não se satisfaz mais, como acontecia em suas formas anteriores, com um proselitismo discreto, à margem, e com um apelo aos crentes para a obtenção de uma pureza a maior”. Esta assertiva revela claramente o cerne do pensamento dos líderes neopentecostais que se lançaram na corrida por adeptos acirrando a competitividade religiosa no país.

São identificadas como as principais igrejas neopentecostalismo do Brasil: Universal do Reino de Deus (Rio, 1977), Internacional da Graça de Deus (Rio, 1980), Renascer em Cristo (SP, 1986) e Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976)⁸. Caracterizadas pela adoção da Teologia da Prosperidade, que de forma sucinta, sustenta a idéia de que o cristão salvo tem o direito a uma vida plena de realizações de ordem social e financeira. Mediante o aperfeiçoamento dos ensinamentos bíblicos que tratam sobre prosperidade financeira, os arautos da teologia da prosperidade formaram um império empresarial, questionado pelo ministério público, por políticos, pela mídia e até por outros segmentos evangélicos quanto aos métodos de crescimento adotados.

A grande ala do neopentecostalismo no Brasil é a Igreja Universal do Reino de Deus - IURD, dado ao seu incrível crescimento institucional⁹ nas décadas de 70, 80 e 90, chegando em 2000 com um crescimento anual de 25,7%¹⁰, tal como sua forte influência na política e mídia do país.

2.2 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A LEME DO NEOPENTECOSTALISMO

A IURD tornou-se um ícone do movimento neopentecostal principalmente por sua organização institucional reconhecidamente multinacional. Esse mega empreendedorismo religioso iniciado em território brasileiro, foi em busca de “mercados religiosos” em outros países. Segundo Ari Oro, André Corten e Jean-Pierre (2003, p.29) o número de igrejas da IURD instaladas em territórios estrangeiros é estimado em 221, em 1995, e quinhentos em 1998, e pela contagem de cifras parciais esse número foi estimado em mais de mil no ano de 2001.

A IURD é um exemplo de religiosidade flexível e adaptável a elementos exógenos. Diferentemente do pentecostalismo clássico, que se mostrou inflexível a uma aculturação religiosa permanecendo como um movimento religioso periférico, os neopentecostais redefiniram seus objetivos e seguiram exatamente o oposto.

As instituições do novo pentecostalismo constroem seu corpo de doutrinas sob de forma progressiva e dissimuladamente sincrético. Analisando o processo de aculturação na IURD Almeida (2004, p.3) afirma que, ela tem desenvolvido um “sincretismo às avessas”, que opera na lógica dos binômios negação/assimilação e inversão/continuidade”. A negação e assimilação se dão respectivamente na hostilidade que essa desenvolve contra outras religiões e ao mesmo tempo na incorporação de traços e elementos de suas religiões rivais.

Essa digressão ideológica que permeia a aculturação neopentecostal, é uma das mais eficientes formas de acolhimento sociocultural encontrado pelo movimento. Seus líderes se afastam de todos os parâmetros tradicionais, que limitaram os pentecostais clássicos a uma clientela de baixo poder aquisitivo e aos espaços das periferias urbanas. Observa-se no processo

⁸ Essas denominações são as primeiras a difundir por meio de rádios, televisão e periódicos os ensinamentos referentes à Teologia da Prosperidade, contribuindo para o avanço neopentecostal através do televangelismo evangélico no Brasil.

⁹ Inaugurada em 1977 a IURD consegue nos primeiros oito anos de existência abrir 356 templos; doze anos depois, 571. Em 1995, a imprensa atribuiu-lhe 3 mil templos [...] Em julho de 2002 a revista *Veja* lhe atribuiu 7 mil templos e 14 mil pastores, além das igrejas instaladas em mais de quarenta países. (CORTEN; DOZON; ORO; 2003 p.41).

¹⁰ Atlas de Filiação Religiosa e Indicadores Sociais do Brasil/IBGE 1999 e 2000 apud Gwercmam (2004 p. 52-67).

de filiação nas igrejas neopentecostais, uma tolerância quanto aos usos e costumes de seus fiéis. O fato é que muitas delas não postulam uma vida regrada de pré-requisitos doutrinários, sendo menos exigentes em termos de compromisso exclusivo com a instituição, aliviando e muito a bagagem de seus membros.

A Teologia da Prosperidade tem servido aos neopentecostais como um manual religioso de instruções, que guia o fiel a uma vida de sucesso. Enquanto a Teologia Pentecostal leiga e simples do pentecostalismo clássico trabalhou nos seus primeiros anos de existência com a valorização das relações pessoais, o que não significou deficiência financeira, a Teologia da Prosperidade explorou o espírito empreendedor de seus líderes e fiéis, incentivando e desafiando-os a investir no “Reino de Deus”, principalmente com seus recursos financeiros. O discurso apoiava-se na promessa de que esse investimento seria revertido em recompensas divinas.

É nas facetas desse discurso que se apóia a territorialidade do neopentecostalismo. O sucesso desse movimento religioso não reside somente na mercantilização do sagrado, mas também no contexto social na que foram fertilizadas as sementes desse discurso. Descrevendo a topografia do terreno onde cresceram as raízes da Teologia da Prosperidade, destaca Mariano a realidade brasileira (2003, p.53),

[...] basta atentar, no decorrer desse período, para: a agudização das crises sociais e econômicas brasileira; o elevado aumento do desemprego; o recrudescimento da violência e da criminalidade; a “destraditionalização” e modernização sociocultural, a vigência de plena liberdade religiosa e de um mercado religioso pluralista; a baixa regulação da religião; o enfraquecimento religioso, a secularização e o declínio numérico da Igreja Católica; a larga e contínua expansão pentecostal.

Vale considerar aqui a territorialidade proposta por Sack apud Rosendahl (2005, p. 3), o qual define como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social a qual se insere.

A Teologia da Prosperidade responde a essa realidade supracitada, comum em países do terceiro mundo, indicando alternativas e possibilidades de ascensão e superação, por meio de um processo onde o fiel confronta, declara e anuncia antecipadamente a posse de uma benção futura. Essa pregação regida pela Confissão Positiva tem atraído indivíduos das mais distintas classes sociais, principalmente aqueles que desejam obter prosperidade financeira através de um contato com o mundo espiritual numa espécie e sociedade com Deus.

2.3 ESPAÇOS CENTRAIS E A NOVA TERRITORIALIDADE DO PENTECOSTALISMO

As igrejas neopentecostais se organizam em torno de uma lógica empresarial, desenvolvendo todo um Marketing nos testemunhos de milagres vivenciados em suas reuniões. Esses comerciais religiosos transmitidos por rádio, Internet e incisivamente pela TV, propagandeiam as curas, reconciliações matrimoniais e principalmente a prosperidade financeira que atingem seus fiéis.

As campanhas levantadas nessas igrejas direcionadas a problemas de diversas ordens têm a finalidade única de interceder por uma graça divina, desafiando a fé de quem ansiosamente procura uma solução, a doar deliberadamente parte de seus recursos financeiros como sacrifício em favor de sua benção. Essas seções religiosas chegam à casa dos milhões e serve como capital inicial para empreendimentos religiosos.

Como afirmou Sack apud Rosendhal (2005, p. 4) “a territorialidade deve ser reconhecida como uma ação, uma estratégia de controle”. Sendo assim identificamos a operacionalização da Teologia da Prosperidade como a forma ativa da territorialidade dessa estratégia, e os templos, recintos onde se dá essa dinâmica, como territórios simbólico e politicamente delimitados o espaço.

A ampla territorialidade dos neopentecostais foi formada sob a égide de um poder centralizador no que se refere à administração de suas instituições. Essa característica marca também a constituição de sua hierarquia eclesiástica e espacial. A centralização é responsável pela coesão e unidade de suas redes congregacionais.

A organização piramidal, os princípios de verticalidade e uma gerência não fragmentada das igrejas neopentecostais suprimiram os focos de autonomia no âmbito de suas instituições. A administração atenta dos neopentecostais impediu a onda de cismas em suas denominações. Contrariamente o pentecostalismo clássico nas primeiras décadas de expansão construiu circunscrições religiosas autônomas que ao regar tensões entre seus limites sofreu a maior divisão institucional do segmento como foi o caso da Assembléia de Deus na CGADB de 1989 em Salvador-BA.

Com o modelo de gestão centralizada os neopentecostais controlam com destreza a rápida expansão de suas tessituras nas metrópoles brasileiras. Esse domínio é fundamental para unicidade de toda sua rede. Na IURD a concentração do poder eclesiástico agiliza vários processos decisórios, tornando eficientes as transmissões de ordens superiores e a realização dos trabalhos administrativos, organizacionais e evangelísticos (MARIANO, 2003, p.57). Ainda segundo este autor o modelo de centralidade e verticalidade adotado pelos líderes da IURD permite a administração integralizar os recursos coletados. Nas instituições neopentecostais a centralização financeira é crucial para subsidiar investimentos altos e estratégicos nos setores mais priorizados como emissoras de TV e radiofônicas.

O neopentecostalismo trás consigo uma gama de igrejas com tendências modernas de empreendimentos religiosos. Esses agentes do sagrado procuram se instalar nos espaços centrais das grandes metrópoles para desenvolver das ações prosélicas. Suas igrejas apesar de possuir um amplo contingente de pessoas com baixo poder aquisitivo, conseguiram conquistar uma significativa parcela da classe média, entre os quais empresários que investem seus lucros nos projetos e campanhas da igreja.

O geofrenciamento realizado pelo CEPID apud Almeida (2004, p.23) dos templos da IURD, revela que os mesmos estão concentrados basicamente nas vias principais e distantes das áreas de maior vulnerabilidade, e que a implantação desses templos, tal como suas catedrais luxuosas nos centros urbanos visam conseguir visibilidade e adesão em massa.

A grande peripécia espacial do neopentecostalismo está ligada à ocupação do espaço e do tempo nas grandes cidades. A IURD investiu em alugueis e aquisições, em todos os países, salas de cinema ou prédios de tamanho equivalentes, sempre situados em locais estratégicos, com forte densidade de circulação humana (MARIANO, 2003, p.31).

Essa forma de apropriação nos centros urbanos tornou-se um modelo de ocupação adotado por várias igrejas que buscam situar-se em espaços preferenciais. Esses imóveis perdem sua funcionalidade primeira e são transformados em naves religiosas com formatos padronizados que obedecem a um estilo simbólico, como cruzeiros e castiçais, fazendo referência ao cristianismo e judaísmo.

Em sua análise Ricardo Mariano (2003, p. 31) reconhece que a estratégia espaço-temporal desenvolvida pela IURD promove uma captação máxima de “clientes” potenciais.

O tempo possui importância vital para a adesão em massa. A maioria das igrejas adequam-se ao ritmo frenético das grandes cidades. Os horários dos cultos são flexíveis aos horários de disponibilidade dos fiéis. Prolongando o tempo de funcionamento essas igrejas conseguem atender por dia dezenas de pessoas e algumas delas funcionam 24 horas.

Seguindo modelos inovadores, forjando novas estratégias evangelísticas e lançando tendências ao mundo religioso, os neopentecostais redefinem simbólico e espacialmente o pentecostalismo nos espaços citadinos. Seus territórios são incorporados à paisagem dessacralizada das grandes cidades, sendo responsável pelo retorno do sagrado aos ambientes secularizados da sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo é desenvolver uma compreensão da evolução espacial do fenômeno pentecostal nas grandes metrópoles brasileiras. Tomamos como discussão analítica a territorialidade desse movimento e suas múltiplas formas de crescimento e apropriação no espaço urbano.

O crescimento do pentecostalismo se deu discretamente no cenário religioso brasileiro, e a princípio não causou incomodo as religiões tradicionais até a década de 1990, devido seu crescimento periférico principalmente nos subúrbios Rio de Janeiro. Foi observado que a expansão do pentecostalismo em sua versão clássica foi relegada em sua totalidade aos espaços de menor valor especulativo. Seus agentes introduziram uma teologia simplista nos “espaços marginais” das grandes metrópoles como Paraisópolis-SP, formando redutos de solidariedade e ajuda mútua entre seus adeptos.

A característica inflexível da territorialidade clássica do pentecostalismo condicionou à uma ortodoxia na sua forma de apropriação espacial e evangelismo. O sistema autônomo de templos sedes que coordenam conjunto de congregações e sub-congregações, parcialmente autônomas, expressam a mobilidade e a flexibilidade espacial do pentecostalismo clássico.

A partir da década de 1970 o pentecostalismo assiste ao surgimento de uma nova corrente teológica que redefine e dá novo impulso ao movimento. Surge paralelamente ao pentecostalismo clássico os neopentecostais com sua moderna Teologia da Prosperidade. Essa nova vertente do pentecostalismo deixa de lado o tradicionalismo e conservadorismo partindo para conquistas inéditas no mundo pentecostal forjando estratégias e tendências no quadro religioso brasileiro.

Os espaços centrais das grandes cidades são alvos estratégicos das denominações neopentecostais devido seu objeto de adesão em massa.

A mentalidade empreendedora dos líderes neopentecostais forjou um modelo de igreja, pensada objetivamente para atender as demandas espirituais de uma sociedade capitalista. A compra de emissoras de TV e redes de rádio para desenvolver o evangelismo em massa, se tornaram foco das grandes igrejas neopentecostais, caracterizando-se como maior empreendimento religioso do país na década de 1990.

O novo pentecostalismo estrategicamente flexibilizou seus ritos litúrgicos abrindo-se para uma aculturação religiosa, expressa no sincretismo que une e repele elementos da cultura secular. O número de adeptos de 17,4 milhões revela o sucesso do proselitismo pentecostal principalmente das denominações neopentecostais, tais dados revelam a grande aceitação população brasileira à Teologia de Prosperidade.

A apropriação e instalação de suas igrejas nos centros urbanos é também uma forma de captar fiéis em massa. A apropriação consiste em locar ou comprar grandes imóveis para posteriormente transforma-los em templos, instalação de igrejas interfere no fluxo local sacralizando a paisagem urbana altamente secularizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Isael. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.

ALMEIDA, Ronaldo de. “**A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade.**” In: Faustino Texeira & Renata Menezes. (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. 1 ed. Petrópolis, 2006.

_____, “**Religião na metrópole paulista.**” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Out 2004, vol.19, n.56, p.15-27.

ALMEIDA, Ronaldo de & MONTERO, Paula - “**O trânsito religioso no Brasil**” in São Paulo e Perspectiva, *Revista da Fundação SEADE*, volume 15/n.3/jul-set, 2001.

CESAR, Waldo & SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1999.

CABRAL, David. **Assembléias de Deus: a outra face da história**. Rio de Janeiro: Betel, 1998.

GWERCAMAM, Sérgio. *Evangélicos*. In: **Revista Super Interessante** – nº – 197 (Fevereiro 2004). São Paulo: Editora Abril, 2004, p. 52-67.

MARIANO, Ricardo. *A igreja Universal no Brasil*. In: ORO, Ari P.; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**, São Paulo, Paulinas, 2003, p.53-67

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MACHADO, Mônica Sampaio. *A territorialidade pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião*. **Revista Espaço e Cultura** – n2 – (Junho. 1996). Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996, p. 36-49.

ORO, Ari P.; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (orgs.). **Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé**, São Paulo, Paulinas, 2003.

ROSENDAHL, Zeny, **Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião**. Comciência, 2005.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem para onde vai?; um desafio às leituras contemporâneas**. Viçosa: Ultimato, 2004.

